



## **Entrevista com Ieda Gutfreind**





## **Ieda Gutfreind**

Eduardo Chaves<sup>\*,\*\*</sup>

Ieda Gutfreind obteve o título de Mestre em História em 1979 na Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, com a dissertação "RS: 1889-1896. A Proclamação da República e a reação liberal através da imprensa", orientada pelo professor Dr. Olívio Manfroi. Doutorou-se em História Social em 1989, na Universidade de São Paulo, com a tese "A construção de uma identidade: a historiografia rio-grandense de 1925 a 1975", orientada pela professora Dra. Maria de Lourdes Mônaco Janotti. Atualmente é membro da diretoria do Instituto Cultural Judaico Marc Chagall, onde realiza pesquisas sobre temas judaicos, em duas direções: a análise crítica do conhecimento já produzido sobre a presença de judeus no Rio Grande do Sul, especialmente aquele elaborado por memorialistas, bem como a reconstrução histórica desta etnia no Rio Grande do Sul. De 1980 a 1992 foi professora da Universidade Federal do Rio Grande do Sul e de 1993 a 2005 integrou o Programa de Pós-graduação em História da Unisinos.

**RLAH** - Quando a senhora ingressou na universidade, na graduação?

**Ieda Gutfreind** - Bom, a minha vida profissional na Unisinos, iniciou em 1973, em seguida a minha graduação no curso de história da UFRGS. Nesta época não havia ainda o campus, em chamaria, assim, os primeiros tempos, não havia o campus; eu dava aula no ciclo básico, em escolas, a maioria delas era História do Pensamento Humano que eu dava, no Colégio Anchieta, mas lecionei em outras escolas, como uma no Barro Navegantes. Também dei nos comecinhos do campus, mas tudo da Unisinos girava em torno da antiga sede, em São Leopoldo, e em escolas de POA, especialmente o Colégio Anchieta. Neste tempo eu fiz mestrado e permaneci, sempre, na lista de professores da Unisinos, mesmo depois que eu sai

---

\* Tem experiência em pesquisa na área de História do Brasil, com ênfase em Anticomunismo e Ditadura civil-militar. Professor do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Santa Catarina (Campus Chapecó). Doutorando em história pela UFRGS, orientado pela professora Dra. Carla Rodeghero, desenvolve o projeto de tese intitulado "A ARENA no Rio Grande do Sul". Fez mestrado na Unisinos (2011), com a dissertação "Do outro lado da colina: a narrativa do Exército sobre a ditadura civil-militar", sob a orientação da professora Dra. Marluza Marques Harres. Graduado em História (Unisinos/2005).

\*\* Transcrição da mídia e notas explicativas por Paulo Roberto Staudt Moreira, que possui Licenciatura em História pela UNISINOS, Mestrado e Doutorado em História pela UFRGS e Pós-Doutorado pela UFF. Atualmente é Professor da Faculdade de História UNISINOS e Coordenador do PPGH-UNISINOS. Bolsista de Produtividade do CNPq.



de lá, não dando mais aula, quando eu fui para a pós-graduação, na UFRGS, e para o doutorado, na USP, mas o meu nome permaneceu na Unisinos e esporadicamente eu dei algumas disciplinas, alguns cursos, tanto no ciclo básico, que eu lembre, como substituindo a professora Helena Partichelli [del Pino] em Teoria e Metodologia da História, no curso de história da Unisinos, que já fora fundado e já existia. Neste tempo, então, durante vários anos, eu não estava dando aulas na Unisinos, mas pertencia ao corpo de professores. Em 1993, depois de ter me aposentado da UFRGS, eu, a convite da professora Beatriz Franzen, retornei para a Unisinos, em março, início do ano. E, se estou colocando tudo de forma cronologicamente correta, temos o PPGH, que nós temos que nos remeter, em primeiro lugar, a instituição. Com a criação deste Programa de pós-graduação, eu acredito que a Unisinos, que é uma universidade católica, da ordem dos Jesuitas, ela recupera o eixo central da doutrina, que é a libertação plena do homem e a importância nesta plenitude humana, neste humanismo, com a ênfase no conhecimento e na cultura. Eu acredito que a pós-graduação em história, está totalmente acoplada a doutrina jesuítica. E, além da instituição jesuítica, o segundo aspecto é destacar uma pessoa, a professora Beatriz Franzen, que foi quem labutou, viajando à Brasília, trabalhando dentro e fora de seu horário, dedicando-se a formação, criação e desenvolvimento deste curso. Sobre isto eu chamo a atenção para o Paulo, que eu acredito que este trabalho já tenha sido feito, o [Carlos Alberto Torres] Gianotti, que acho que era o diretor da editora da Revista, colheu um depoimento da professora Beatriz Franzen, e eu acredito que eu também colhi um depoimento. Este material todo eu entreguei ao professor padre Luiz Fernando [Medeiros Rodrigues], que veio a poucos anos de Roma. O Luz Fernando tem todo o material, tem dezenas de depoimentos que eu fiz, não sei onde ele colocou este material e lá tem o depoimento da professora Beatriz. Então, há dois depoimentos onde ela, a partir dela e de suas memórias, conta a história não só do curso de história como do Programa de pós-graduação.

Voltando a professora Beatriz [Franzen], a sua vida privada, particular, pessoal, social, na verdade, todas estavam subsumidas à universidade, é assim que eu vejo. Ela viveu a Unisinos, desde a sua formação, foi colega do Padre Ignacio Schmitz, ele a levou para a Unisinos, e a Beatriz incorporou a Unisinos como a sua vida e ali construiu a sua história. Este programa de pós-graduação que ela construiu, iniciou funcionando na antiga sede, no último andar, e nós subíamos aqueles lances todos de escada. A equipe era formada, lembro, do professor Rambo. Neste mesmo ano que eu entrei [1993], eu acho que a partir do final do ano, entrou no programa a professora Heloisa Reichel. A professora Loiva Otero Felix, que



depois saiu, acho que demitiu-se. Tinha a Blanca Brites, que era nossa professora. O Pastor Martin Dreher estava lá conosco. Werner Altmann tinha retornado de São Paulo, da USP, estava conosco. E, não sei, mas acredito que a professora Eloisa Capovilla também estivesse conosco.

**RLAH** - E a professora Itala Becker, eu acho...

**Ieda Gutfreind** - O Padre Ignácio; a professora Itala [Becker], bem no início, que já estava se retirando. Enfim, era um pequeno grupo, um pequeno número de alunos, e a secretaria estava com a Janaina [Trescastro], e era ótima e assim continuou até a minha saída de lá. Era um grupo coeso de professores.

Neste momento, o campus estava aumentando vertiginosamente, o redondo, como nos chamávamos, a cada semestre, a cada ano fechava mais um pedaço e aquelas caminhadas no barro que nós fazíamos inicialmente para chegar a algum lugar receberam calçamentos, e o redondo fecho o seu círculo. E chegou o momento em que o programa de pós-graduação mudou-se para o campus. Em termos gerais o grupo de professores continuou o mesmo, acrescidos com o tempo com ex-alunos que se tornaram professores, citando Marcos Tramontini, Maria Cristina Bohn Martins, Eliane Fleck, Marluza Harres. Tinham sido alunos, fizeram seus cursos de pós-graduação, seus doutorados, e retornaram para a sua instituição de origem, como professores. Mas acho que o grupo continuou.

A professora Beatriz, além de outras nada pequenas, sempre teve duas preocupações: enriquecer a biblioteca com obras de valor e também trazer professores convidados, seja para as aulas inaugurais, seja para pequenos cursos. O viés da professora Beatriz, pela sua experiência de doutorado, sabemos, era Portugal, Lisboa. E parece-nos que, além de São Paulo e outros lugares, muitos professores vinham de Portugal. Ela criou o núcleo de Estudos Luso-brasileiros, como o professor Rambo criou o Núcleo de estudos Teuto-brasileiros e eu acho que a marca deste programa de pós-graduação da Unisinos é a professora Beatriz Franzen, afinal, ela participava de todas as atividades, sejam administrativas ou didáticas; enfimela lidava, ainda, com as esferas administrativas e de direção da Universidade, com as quais ela tinha uma boa comunicação.

E quando eu sai, o programa de pós-graduação estava bem.

Eu trabalhei na área de historiografia, teoria e metodologia, desenvolvi pesquisas, uma delas trabalhei com bolsistas sobre Décio Freitas, temática a qual pretendo voltar. Também



pesquisei e redigi um livro sobre imigração judaica<sup>1</sup>. Gradativamente, da historiografia, eu fui para a área da imigração, onde comecei a perceber que certas etnias, como a alemã, a italiana, havia um incrível número de livros, dissertações e teses, e uma delas, com a qual me identifiquei, a judaica, existiam poucos registros historiográficos, além de algumas esparsas memórias, depoimentos orais. E foi sobre isto que eu me debrucei e publiquei um livro sobre a imigração judaica, editado pela universidade, onde eu faço revisão historiográfica e também tento recuperar alguns períodos e acontecimentos.

**RLAH** - Professora, antes de voltarmos aos projetos de pesquisa, gostaria de voltar para falarmos da área de concentração do PPGH, que é em Estudos Latino-americanos. A senhora participou da elaboração das linhas de pesquisa, como se idealizou esta formatação.

**Ieda Gutfreind** - Eu já vinha trabalhando com esta linha de pesquisa na UFRGS, com minha colega Heloisa [Reichel]. E ela teve continuidade na Unisinos, mas em um outro enfoque e em um outro sentido e nós continuamos desenvolvendo atividades sobre esta linha. Gradativamente eu fui me afastando, pelo menos eu sinto assim, e focando mais na área da historiografia e, depois, da imigração.

**RLAH** – A senhora e a professora Heloisa desenvolveram e depois resultou em um livro, um projeto sobre a região platina...

**Ieda Gutfreind** - Sem dúvida, não só um livro, mas capítulos de livros, sendo o último publicado na coletânea organizada pelo professor Tao Golim, no qual nos trabalhamos sobre o período colonial, na nossa área de concentração. E fora isso nós participamos de vários congressos internacionais. Aliás, isso quero destacar, a Unisinos sempre apoiava a saída dos professores para congressos, não só no sul da América, mas na Europa, onde nós levamos o nome da instituição e do PPGH. E nestas ocasiões, professora Heloisa e eu apresentamos partes das pesquisas que desenvolvíamos.<sup>2</sup>

**RLAH** - Quando a senhora ingressou no PPGH-Unisinos, a senhora já era doutora e trazia consigo um projeto consolidado.

---

<sup>1</sup> GUTFREIND, Ieda. *A imigração judaica no Rio Grande do Sul: da memória para a História*. São Leopoldo, Editora UNISINOS, 2004.

<sup>2</sup> GUTFREIND, Ieda; REICHEL, Heloisa. *As raízes históricas do Mercosul: A Região Platina Colonial*. São Leopoldo: UNISINOS, 1996; GUTFREIND, Ieda. O gaúcho e sua cultura. In: GUTFREIND, Ieda; REICHEL, Heloisa (Org.). *História do Rio Grande do Sul - Colônia*. Passo Fundo: Méritos, 2006, p. 241-252.



**Ieda Gutfreind** - Sim, sobre historiografia sul-riograndense<sup>3</sup>. Eu percebia lacunas desta historiografia, pois quando ela afirmava que éramos produto de uma ocupação tardia, mas faltava completar, tardia em relação a quem e a que? Porque sempre esteve ocupado este território; porque não podemos esquecer os nativos e os transeuntes, que nunca deixaram de cruzá-lo, e as refregas entre os Impérios espanhol e português. Mas, se tivemos a ocupação por etnias no século XIX, alemães, italianos, como andava a historiografia sobre a imigração? E foi a partir daí que eu fui enveredando por este campo da historiografia e terminei chegando às minhas origens, pois acho que é um ciclo.

**RLAH** - Pois é, um dos projetos da senhora foi sobre a historiografia da imigração judaica e também da criação do Estado de Israel. E acho importante destacar o Núcleo que a senhora criou, de História Oral.

**Ieda Gutfreind** - Este Núcleo, o NPHO, eu hoje avaliou que ele teve menos força do que o Teuto-brasileiro e o Luso-brasileiro. De qualquer maneira eu acho que isso não diminui o seu valor, pela importância em introduzir na Unisinos de uma outra mentalidade, de uma outra perspectiva, do que para o historiador sejam fontes históricas. Eu, já na minha experiência de UFRGS, com outros colegas, já tínhamos criado o NPH, onde um dos braços era a história oral. Eu levei isso para a Unisinos, um projeto de historiografia, porque tínhamos que cessar, cortar esta visão da fonte como aquele documento oficial, que não era colocado em dúvida. Não se discutia o juízo do indivíduo que os redigia, os seus comprometimentos. E por que a fonte oral será mais comprometida do que a fonte documental oficial, escrita. Isso era uma revolução de cabeças. Eu acho que o NPHO trouxe esta contribuição e alguns trabalhos passaram a usar os depoimentos e entrevistas como fontes e documentos, não confiáveis, mas fiáveis, como quaisquer outros documentos, que deveriam pela crítica, pela análise, pela comparação, enfim, um trabalho que cabe a qualquer historiador, não aceitar a fonte como o conhecimento em si, mas por em discussão e análise crítica aquela fonte.

**RLAH** - O NPHO produziu muitas fontes, a senhora fez entrevistas com diversas figuras da comunidade judaica do RS e de vários memorialistas...

---

<sup>3</sup>Na Unisinos a professora Yeda coordenou entre 2004 e 2006 o projeto "Historiografia sul-riograndense: representações de abordagens temáticas. 1950-2003". Em 1992 publicou o livro "A historiografia rio-grandense" (Porto Alegre: Editora da Universidade/UFRGS, 162 páginas).



**Ieda Gutfreind** - É, neste projeto, cujo material também foi entregue ao professor Luiz Fernando, eu fiz depoimentos com historiadores municipalistas, do regional localizado. Germano Moehlecke, Cláudio Moreira Bento (militar que reside no Rio de Janeiro). A nossa ideia era criar um bando de fontes orais. Em também coletei dezenas de depoimentos dos criadores e professores da Unisnos, com ênfase aos diretores dos cursos. Eu acho que este material é de uma grande riqueza.

**RLAH** - E a senhora também estava articulada com a criação da Associação Brasileira de História Oral...

**Ieda Gutfreind** - Trouxemos para São Leopoldo o Congresso nacional de História Oral, estabelecemos relações estreitas com a Associação Brasileira de História Oral (ABHO) e com as suas regionais. A professora Beatriz [Franzen], a nosso pedido, adquiriu fontes bibliográficas excelentes, inclusive internacionais. A Marluza[Harres] estava envolvida neste projeto e depois desenvolveu pesquisa sobre Camaquã, o Banhado do Colégio, e outros.

**RLAH** - Ainda sobre o último projeto da senhora na universidade, sobre a historiografia, os memorialistas, lembro que se baseava em três eixos e um deles era sobre imigração e a senhora tentava trabalhar com a narrativa que estes autores desenvolviam. E uma destas narrativas eu lembro que era do Cláudio Moreira Bento, mas também dos memorialistas da imigração, como o Ivo Caggiani, que buscavam elaborar uma narrativa heroica da imigração e isso a senhora conseguiu perceber através das fontes.

**Ieda Gutfreind** - Sim, entrevistei muitos destes memorialistas, os quais tem muita importância, pois representam o que a comunidade a qual eles pertenciam considerava. Eles eram representantes de uma perspectiva histórica, de uma mentalidade, de uma área. Sabe, eu sempre valorizei, e isso certamente e função das minhas pesquisas com a professora Heloisa [Reichel], a palavra mágica “fronteira.” E isso é muito importante, porque ainda hoje se vive em uma perspectiva nacionalista e de nacionalidade, embora o discurso atual aponte para a globalização, para a mundialização. Mas se tu fores ver, como contraposição, nos temos estes “nacionalismos” locais, regionais. Então, na fronteira, quando um Caggiani estava falando português e no meio insere palavras e expressões castelhanas, isso demonstra um processo absolutamente complexo, cujo entendimento me dá muito prazer.

**RLAH** - A senhora também trabalhou com o instituto Marc Chagall...



**Ieda Gutfreind** - Sim, quando fui demitida da Unisinos, em 2005, eu fiquei trabalhando no Marc Chagall. Eu não me sentia como uma pessoa que ia parar de produzir. E lá no Marc Chagall eu venho desenvolvendo atividades, tanto na criação de documentos via oralidade, como na produção de conhecimento. Então, eu comecei a me interessar por algo que a simples observação me mostrava: pessoas da comunidade judaica que haviam vindo de comunidades judaicas do interior, não sabiam nada, diziam não lembrar nada. Lendo um pouco eu percebi que a imigração judaica para o RS começou pelo interior, institucionalmente falando pela ICA, que uma companhia de imigração, igual a tantas outras do final do século XIX e início do XX, que fundou núcleos populacionais em Santa Maria, em Quatro Irmãos, onde os judeus pouco ficaram e formaram comunidades grandes fortes nas cidades de Santa Maria, Passo Fundo e Erechim. E eu fui em busca desta história, que as gerações mais novas estava perdendo. Em 2010 lancei um livro sobre a comunidade judaica de Santa Maria<sup>4</sup> e está para ser lançado sobre a comunidade de Passo Fundo e estou ultimando sobre a de Erechim. Nestas duas últimas, Passo Fundo e Erechim, ainda existe comunidade judaica, mas em Santa Maria praticamente inexistente (mesmo que não possa afirmar taxativamente). Trabalhei com um acervo documental que procurei recuperar, como atas de fundações de associações, atas de toda sorte, documentos diversos. Entrevistei pessoas que exerceram papéis importantes nestas comunidades, seja como presidentes de instituições, associações, etc.

**RLAH** - Ainda sobre a sua atuação no PPGH-Unisinos, as disciplinas que a senhora ministrava...

**Ieda Gutfreind** - Eu lecionei muitas vezes a disciplina de historiografia, dividindo-a com a Marluza [Harres].

**RLAH** - Sobre os seus livros, as suas publicações, eu me lembro o da historiografia sul-riograndense, poderia falar mais deles?

**Ieda Gutfreind** - Este da historiografia era parte da minha tese e está esgotado.

**RLAH** - Voltando ao Marc Chagal, onde atualmente a senhora trabalha como pesquisadora, esta instituição hoje se afirma como um local de pesquisa.

---

<sup>4</sup>GUTFREIND, Ieda. *Comunidades Judaicas no Interior do Rio Grande do Sul*: Santa Maria. Santa Maria: Editora UFSM, 2010.



**Ieda Gutfreind** - Hoje funciona mais como um arquivo histórico de guarda da memória dos judeus no Rio Grande do Sul e também como um local de produção em nível acadêmico, com uma revista eletrônica, que nós denominamos Web Mosaica, com produções nacionais e internacionais, que já está no seu 5º ou 6º número.

**Entrevista realizada no outono de 2012.**

*Recebido em Julho de 2013 - Aprovado em Julho de 2013.*